

OS GENERALIS DO PARAIARA

VLADIMIR CARVALHO

1- A motivação para realizar "O Homem de Areia" nasceu do sentimento provinciano de admiração por José Américo de Almeida, o grande líder da Bahia e "Baque de Areia", o político liberal, o revolucionário de 1930. Como a maioria dos parabainos de minha geração, fui nascido e criado ouvindo falar da fama do homem, da sua atuação legendária em todos esses níveis, sempre com uma aura de misteriosa sagrada. E não me imaginava do povo e como se não houvesse diferença entre ele e o Padre Cícero do Juazeiro, Antonio Conselheiro e Lampião, ou mesmo o rio São Francisco, todas entidades míticas nordestinas de cidade obrigatória. Ao mesmo tempo, o peso da celebridade literária da estelepe dos que fundaram o movimento modernista de 22 e o regionalista do Recife, poucos anos mais tarde. Nesse clima, quando menino, acostumei-me a assistir meu pai falando com entusiasmo de Zé Américo e a ler as suas obras, a ouvi-lo recitando suas frases de efeito, chelas de mordacidade, o que passou à história como "os gritos de Zé Américo", e que ressoaram até bem pouco tempo. Lembranças ainda do velho contando passagens do romance cheio de fatos e detalhes, a sua atuação real, a atualizada do Nordeste tem na estante. Cenas terríveis de secas brabas e os conflitos dos sertanejos que desciam para brigar por trabalho com os brejeiros, nas zonas mais produtivas dos engenhos de açúcar.

Felizmente, passou para mim a imagem falosa do "grande homem", político de envergadura, feraz defensor da democracia burguesa, cheio de moral e carisma, espécie de Santo Herói do Nordeste.

2- Homem feito eu achava a figura inatingível, posto a salvo da abordagem dos golpes e das mortais. E, quando redoma sagrada em que o mantinha uma confraria de admiradores. Até que um dia, no exercício do jornalismo, fui colocado vis-a-vis com o Milton, realizando uma entrevista com "o velho", como o chamavam na Paraíba. Ele estava na festa do reconhecimento da praia de Tambau fazia cerca de dez anos, em meados da década de 60. Reserva moral do Nação, como diziam, mas sem mandata, fazia pensar num navio velho limitadamente, mas que servava na Paraíba. Ele estava na festa, limitadamente que ele descesse ao alpendre conhecido das grandes personalidades nacionais que o visitavam na Paraíba. Ele veio com um terço de brim completo mas sem gravata.

Nesse tempo não dispensava o paleto para receber quem quer que fosse. Fiz-lhe as perguntas recomendadas e ele me deu respostas interessantes, as respostas enquanto o fotógrafo se esmerava para fazer-lhe um "boneco" à altura. Era qualquer coisa relativa à Sudene, seca, enchente, emergência, os assuntos de todos os anos no Nordeste pobre. Ao fim do bloco e rubricado, tudo por lá, despedir, ele ponderou, no seu jeito seco, que algo poderia ter escapado e pediu-me que lesse o que havia escrito. Ainda nervoso fiz o possível para "traduzir" a garranchinha, ele ouvindo susado. Ao terminar, pediu-me o bloco e rubricado, tudo por lá, dizendo o que assim ficávamos ambos a salvo de qualquer deturpação em suas declarações. Macaco velho, era esse um jeito seu de lidar com "focas" desconhecidos. A mim impressionou-me a severidade simpática e honestidade do hon. O futo em um bloco e rubricado, tudo por lá, a contestação do entrevistado ilustre, para go-z do incipiente reporter.

3- Dezesses anos depois, na realização do filme, entretanto, eu acabei descobrindo um outro Zé Américo. O da última etapa da idade madura. Um homem diferente daquele agradável cidadão da Revolução de 30, aquele que iniciou o filme, que o Brasil conheceu. Da intrepida campanha contra as secas no Ministério da Viação; do vôo sinistro do desastre de avião na Bahia, quando escapou, miopo e sem saber nadar; da campanha para presidente da República em 1964, quando perdeu para Getúlio. Da entrevista a Carlos Lacerda em 45, que terminou por derubar a ditadura de Vargas. Do discurso que fez defendendo o mandato de Prestes no Senado, conhecido como "o Discurso da Cadeira Vazia", em 1946, que venerado senhor que eu conheci no filme no final dos anos 70, há três anos atrás, era mais do que nunca um homem sereno, beirando o bisnonho, amansado pela vida; retrancado em sua posição mas ameno como a paisagem em torno. Uma personalidade ainda muito forte e bem sentida, o que me chamou a atenção, com um jello plácido, sem pressa no falar, embora sempre discursivo como nos velhos tempos. E nesse ponto, eu acho que o Zé Américo do filme resultou fiel ao seu modo de vivo, saindo, assim, um pouco longe do livro e do cinema. A conservador, legítimo representante daqueles idos de 30, 37, 45 e 54, quando o suicídio de Vargas cortou também a sua carreira política, desenvolvendo o ao Nordeste e

empurrando-o para o declínio. E desse nosso reencontro emergiu o homem cheio de contradições, de virtudes e de combates, as reações liberais cotizadas como o processo histórico e as mudanças de toda ordem.

4- O método que elegi para traçar esse retrato foi o da entrevista, no caso distarçada como uma visita de amigos jornalistas e intelectuais ao casarão de Tambau. Homens de Imprensa da Paraíba, que estavam com ele, sente mais de oito horas de gravação (com a praia em frente interditada por causa do ruído dos automóveis), em dois dias de trabalho. Mas agora enfrentava sério problema: Zé Américo, rijo no seus 92 anos, não se entregava às perguntas dos amigos, se fartava a um diálogo mais aberto e direto, coloquial mesmo, como seria bom para um filme dessa espécie. Ora com retórica, ora apelando para longas pausas (meus pecados), mas sempre em tom discursivo, negociando e fugido às perguntas, sempre assediado e impunha a sua marca. Por isso, embora o nível da conversa tenha sido ótimo, eu tive de cercar por fora num segundo momento (que resultou num segundo e terceiro planos da narração do filme), procurando ouvir outras pessoas sobre as mesmas questões. Por causa do ferrolho personalístico que ele impôs, apelei para a técnica da enquete junto a outras fontes. Passei a levantar arquivos, a entrevistá-los até mesmo os seus desafetos mais rancorosos. O endeavor era um trabalho árduo, mas necessário, do país de que participou muito profundamente. A grande saga da Revolução de 30 no Nordeste, quando se transformou no seu chefe civil, sendo chamado de Vice-Rei juntamente com Juarez Távora, o que pôs a sua filha, generalista, aonde muitos viram uma sombra de onde eu fui e que resultou naquilo que chamou de uma grande "loucura coletiva", com a caça aos inimigos de João Pessoa, os assassinos e os intrigantes que combates com métodos reformistas e moralismo, ouvi os descendentes de José Perelira - o grande chefe da Revolta de Princesa - alguns dos seus cabras que ainda vivem a memória dessa guerra e seriam. Também Ariano Suassuma, filho do João Pessoa, que nasceu em 30 no Rio, sob sugestão da morte de João Pessoa, deu seu depoimento. De todos, porém, o mais ferido e diabólico foi o do coronel Cunha Lima, patriarca decadente, com a mesma idade de Zé Américo, mas duro na

queda, empertigado em seu cavalo, barba enorme de perfil vaginativo. Um clima de ódio insinuou-se nessa entrevista e tudo em função da atuação de Zé Américo antes, durante e depois do episódio da morte de João Pessoa que foi o estopim para a Revolução, setenta dias depois. A intenção foi deixar claro o pano de fundo, o cordão umbilical que liga a estrutura agrária ao sentimento maior do movimento de 30. Os acontecimentos da Paraíba não estavam isolados e ilustram sobrejamente as contradições da época e lançam alguma luz sobre a atualidade. Nesse ponto, quando já estava na fase de montagem do filme, entendi ainda mal o papel de Zé Américo, descendente de senhores de terra, aristocrata decadente que ascendeu como liberal reformista, combatendo ao lado dos tenentes que jamais foram além da chamada "dialética dos bachareis". Com efeito, o racha de 30 não foi um racha, rememorei-me a poder sentir ruptura entre a política e jurídico. Comecei então a ver o meu herói como possuidor da mesma ótica ambígua de "O Leopardo", de Tomasi di Lampedusa: "Se queremos que tudo fique como está é preciso manter tudo como está".

5- Ao invés da biografia tipo carteira de identidade, persegui os retratos da história e fui sem preconceitos aos fatos, sem em momento nenhum querer fazer a apologia do "grande homem". Talvez por causa disso, quando a filha, generalista, morreu de Almeida, não foi uma simpático com o filme, queixando-se com amargura sobre a maneira como é apresentada a figura de Zé Américo. Num pre-estréia para o mundo oficial da Paraíba, ele retirou-se ao final, para fora, a que eu não fui, e assim, estando no presente o Governador. E eu só soube de sua reação, com vistas ao filme, através de terceiros e por uma entrevista em que, apesar de tudo, reconhece o caráter polêmico necessário a esse tipo de trabalho.

6- O Homem de Areia, portanto, contém numa grande individualidade e sua vinculação com a política e a cultura, é como se fosse um "portrait" pré-renascentista daqueles em que se vê a figura no primeiro plano e a paisagem ao fundo. Ao contrário do que se viu em longa duração, no País de São Carlos, onde predominava a paisagem do retrato, valorizando o povo, o esforço coletivo. Sendo que no fundo é isto a mesma coisa, e como o documentário gesta à mercê da matéria filmada e gravada, o próprio filme encaminha soluções na

sua estrutura, sujeito à atração da realidade. A montagem, por sua vez, engendra "sozinha", as melhores saídas. No caso deste filme, muito devido a um clima de "ficção" que foi aderindo ao documentário em virtude do "retrato" da figura central com seu tanto de magia carismática. Terminou num jogo dialético: eu querendo dessacralizar o mito e ele se defendendo e ganhando sempre. Toda vez que ele relatava coisas passadas consigo. Primeiro a unção literária com o que considerou "um grilo de reforma agrária", em "A Bagacela", embora a sua coerência tenha ficado restrita ao plano estético. E quando conta a morte de João Pessoa acontecendo que estava a quase um mês de viagem, em meio aos revoltosos de Princesa. Mas sentiu um pressentimento, "algo puxando-me, obrigando-me a viajar de volta à Capital"; e depois sublinha que João Pessoa só morreu porque ele não estava ao seu lado na sua ida ao Recife. Em Princesa, devido ao linhigo, onde João Pessoa teria sido encerrado num quarto podendo ser eliminado, ele providencialmente desconfia da acolhida de Zé Perelira e preferiu pernoitar num vão de escada onde podia sobreviver, tudo, quando chegou em Machucado, na Bahia ele milagrosamente sentiu abrir-se um vazão sob os seus pés e desceu ao fundo das águas para retornar à tona na sua quase cegueira de miopo e sem saber nadar. Um sairente recolheu e mais uns poucos, enquanto eu estava lá, estavam os companheiros perderam a vida. No capítulo do suicídio de Getúlio, quando era Ministro, via-se como providencial conselheiro, sustentando que Vargas só se matou porque não o viu. E assim por diante, essa luz premonitória divina sempre o acompanhando. Era como se via e o seu caráter mítico foi por ele próprio trabalhado da mesma forma que outras entidades nordestinas, como os já citados Conselheiro e Padre Cícero, místicos e não políticos, se nesse caso, não.

- No plano documental o filme buscou debastar a ignorância vigente, trazendo de volta matéria arquivada mas que é do Interior desconhecido do grande público. Pensei fazê-lo com o mesmo escopo com que Roberto Rossellini se propunha a fazer

"filmes para ignorantes", considerando-se ele próprio um ignorante, quando abandonou o cinema pela televisão educativa e cultural. No Brasil, por exemplo, em cada cidade existe uma praça ou avenida João Pessoa, ou seja, quem quem ele foi. Ninguém sabe até hoje por que a Paraíba se juntou ao Rio Grande do Sul e a Minas Gerais para fazer a Revolução. E nessa linha mas num outro nível - a Revolução de 30 ficou como um objeto híbrido. Por isso, acordo entre classes privilegiadas, ou mero racha no seio das oligarquias sem distinção de Estados. Para outros, mais céticos, foi uma briga entre aqueles que se revoltavam no Poder da República: os Estados de Minas Gerais e São Paulo. A inspiração era de ordem liberal, isto é, visava no campo ideológico acomodar insatisfações e conceder a classe média, que já emergia, algumas conquistas democráticas tais como voto secreto e feminino, justiça eleitoral, leis trabalhistas e uma "reforma agrária" que se reduziu, por fim, ao ensaio da grande acudagem que teve em Zé Américo o seu paladino, esgrimindo individualismo e certa demagogia. Mas o resultado foi o fortalecimento da grande propriedade pois as terras marginais dos açudes jamais foram despropriedades e o povo nunca teve acesso a elas.

O que fica no final é a trajetória frustrada do grande patriarca. Zé Américo foi ministro de Vargas, nos anos 30 e 50; em 37 foi golpeado mas em 51 voltou a colaborar com Getúlio em nome de uma suposta salvatagem do Inleste; foi senador, governador, fundador do romance social de 30, defensor inerte (a cassação já estava consumada) do mandato dos comunistas em 47. E passou à história como protótipo de democrata, mas ao morrer com 93 anos de idade há de se voltar ao clima de caciquismo, e influenciar toda a política do Estado, evidenciando grandes ligações com o poder central, no topo do qual sonhava ver o seu filho general. Discreto no despojeu da vida mas firme no seu veivido de liberal reformista, ele simbolizou meio século de história política, período de grande movimentação mas barrado por sucessos paliativos, adiantamentos, falsas rupturas, conciliações.

Foi o resgate dessa trajetória, desse homem e sua circunstância que perseguimos com essa exploração no tempo.